

CINDERELA E *UMA DUAS TRÊS PRINCESAS*

Os estereótipos e suas desconstruções

Cleiser Schenatto Langaro¹

Laueniffer Rosa de Oliveira da Silva²

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões e análises sobre estereótipos idealizadores da figura feminina em personagens princesas. Entende-se que a literatura contribui para a formação crítica dos leitores, por isso nosso olhar voltou-se, a partir da leitura comparativa, para a representação da princesa na obra *Cinderela* (2015), um clássico sempre revisitado, registrado inicialmente por Charles Perrault no século XVII, publicizada na contemporaneidade pela Disney, e para as representações das princesas na obra contemporânea *Uma, duas, três princesas* (2013), de Ana Maria Machado. As análises tiveram o intuito de analisar os estereótipos relacionados à beleza e a capacidade da mulher, propagados pela literatura infantil e juvenil clássica, bem como perceber de que maneira as obras contemporâneas trazem os discursos voltados ao feminino, caracterização física, comportamental, intelectual, entre outras. O amparo teórico consiste em estudiosas da literatura como

1 Doutora em Letras – área de concentração em Linguagem e Sociedade da UNIOESTE – Campus de Cascavel. Docente do Curso de Letras e da Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu. - Email: cleiserschenatto@hotmail.com

2 Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Espanhola pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Email: lauenifer@gmail.com

Coelho (1993), Fortes (1996), Lotterman (1996), Saffioti (2004), entre outras. Como resultado constatou-se que as obras contemporâneas vêm rompendo com os discursos que rotulam posturas, comportamentos, ideias e atitudes das personagens mulheres, aproximando-as aos pensamentos feministas que lutam para a constituição de mulher-sujeito, além de problematizarem a natureza humana, características físicas das personagens principais, principalmente das crianças. Considera-se positiva essa mudança, haja vista que as obras literárias, suas relações e construções simbólicas, atuam profundamente na formação crítica do leitor.

Palavras-Chave: Princesas; Estereótipos; Reconto; Formação Crítica/Reflexiva.

RESUMEN

Este estudio presenta reflexiones y análisis sobre la idealización de estereotipos de la figura femenina en personajes princesas. Se entiende que la literatura contribuye a la formación crítica de los lectores, por eso nuestra mirada se volvió, a partir de la lectura comparativa, para la representación de la princesa en la obra *Cinderella* (2015), un clásico siempre revisitado, registrado inicialmente por Charles Perrault en el siglo XVII, publicado en la contemporaneidad por Disney, y para las representaciones de las princesas en la obra contemporánea *Uma, duas, três princesas* (2013) de Ana María Machado. Los análisis tenían por objeto analizar los estereotipos relacionado con la belleza y la capacidad de la mujer, propagadas por la literatura infantil y juvenil clásica, así como darse cuenta de qué manera las obras contemporáneas traen los discursos vueltos a lo femenino, caracterización física, comportamental, intelectual, entre otras. El amparo teórico consiste en estudiosas como Coelho (1993), Fortes (1996), Lotterman (1996), Saffioti (2004), entre otras. Como resultado se constató que las obras contemporáneas vienen rompiendo con los discursos que etiquetan posturas, comportamiento, ideas y conductas de los personajes femeninos, acercándolas a los pensamientos feministas que luchan por los derechos de la mujer, además de problematizar la naturaleza humana, características físicas

de los personajes principales, principalmente de los niños. Se considera positivo este cambio, teniendo en cuenta que las obras literarias, sus relaciones y construcciones simbólicas, actúan profundamente en la formación crítica del lector.

Palabras-Clave: Princesas; Estereotipos; Reconto; Formación Crítica/Reflexiva

INTRODUÇÃO

No intuito de problematizar as contribuições da literatura no desenvolvimento intelectual, psicológico, cognitivo de crianças e adolescentes, dos leitores em geral, e tendo por base o pensamento de Antônio Candido (1972) de que a ficção e a fantasia atuam no plano dos sentimentos, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, sendo um meio de exteriorização de conflitos, pensamentos e emoções comuns à criança ou ao adulto, este texto traz reflexões acerca das representações das mulheres nas obras literárias, do clássico ao contemporâneo.

Partindo-se da compreensão de que a literatura atua como um espelhamento/recriação de usos e costumes, padrões éticos, morais, religiosos, de conduta e valores aceitos ou não em determinados contextos, esse estudo visou refletir sobre a literatura infanto-juvenil, compreender as nuances do texto estético e seu percurso histórico e estilístico, desde obras consideradas clássicas, contos de fadas e de princesas, até os contos contemporâneos. Dessa forma, objetivou-se analisar e compreender os estereótipos relacionados às representações das personagens mulheres para

além do perfil das princesas, lançando o olhar para a relação entre literatura e sociedade. As obras selecionadas para essa análise são *Cinderela* (2015), registrada por Charles Perrault³, publicizada pela Disney, e a obra contemporânea *Uma, duas, três princesas* (2013), de Ana Maria Machado.

A investigação voltou-se para as relações sociais, desveladas nas narrativas literárias, e buscou-se entendê-las em seus ditos e não ditos, nos vazios dos textos e nas pistas lançadas ao leitor, com reflexões que aludem às habilidades interpretativas que contribuem para a formação do leitor literário crítico e reflexivo. Abramovich (1997) explica que as histórias clássicas, os contos de fadas, por exemplo, são as mais utilizadas, tanto por meio de livros, quanto por meio de filmes, na formação crítica e reflexiva da criança, visto que trabalham com a fantasia, partem dos problemas cotidianos, envolvem elementos mágicos no desenrolar do conto e ao final retornam à calma e tranquilidade inicial.

Por isso, pode-se dizer que as obras da literatura clássicas, através da linguagem simbólica, foram e ainda são consideradas um guia para a formação dos indivíduos. Sabemos da importância do imaginário simbólico na história da humanidade e ressaltamos que os contos de fadas e maravilhosos ainda hoje contribuem para a formação humana. No entanto, muitas obras desse arcabouço literário, assim como a sociedade contemporânea, reproduzem o

3 Observamos que utilizaremos a versão publicada pela Disney, pois esta é a mais conhecida entre os leitores da contemporaneidade, principalmente devido aos vídeos que a empresa produziu.

pensamento patriarcal, sexista e racista. Conforme expõe Saffioti (2004, p 31) “[...] o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual [...]”, e a sociedade está habituada a disponibilizar leituras, principalmente para as crianças, com estas ideologias, sem ao menos refletir o que elas estão internalizando através das obras.

Sendo assim, o presente estudo concentra a análise no sujeito feminino, nas representações que o corpus literário selecionado apresenta, pois normalmente essa imagem é fortemente marcada e estereotipada em obras clássicas ou naquelas com estilo e temática da literatura tradicional. Consideramos necessário observar como a princesa foi apresentada na literatura contemporânea *Uma, duas, três princesas* (2013) e se houve processos de ruptura com relação ao perfil da princesa clássica Cinderela.

Essa reflexão parte, portanto, da problemática que envolve a figura feminina⁴ na literatura, no intuito de compreender melhor as implicaturas relacionadas ao modo como ela é apresentada, em razão de estar pressuposto que a literatura contemporânea rompe com os estereótipos em relação às mulheres. Para, além disso, compreender e analisar se houve manutenção, ampliação ou rompimento do estereótipo da princesa submissa às figuras masculinas, ao padrão de beleza, comportamento e interação

4 Observa-se que neste artigo não aprofundaremos as reflexões sobre categorias analíticas dos estudos de gênero, mas que a referência ao termo “feminino” está atrelada ao sentido que faz referência às convenções culturais e sociais atribuídas às mulheres, haja vista que este é o objeto de análise a partir das representações literárias.

social valorizados nesses contextos sociais evidenciados, como por exemplo, em *Cinderela* (2015).

Além disso, o estudo analisou os aspectos históricos e culturais que mostram os estereótipos ocidentais apresentados nas narrativas anteriores ao século XX, por exemplo, e as rupturas realizadas pela literatura contemporânea em relação às representações e às representatividades das mulheres. A pesquisa de caráter explicativa, conforme Vieira (2010), visou informar e explicar a ocorrência de um fenômeno e por meio dela obter dados e aspectos para melhor compreensão do objeto estudado. A partir de pesquisas bibliográficas, que disponibilizam informações científicas acerca do tema, usando o tipo de pesquisa qualitativa/interpretativa e o método comparado, buscou-se identificar e analisar o perfil das princesas, personagens principais das obras selecionadas.

Ademais, a produção se constrói através da comparação, pois para Tânia Carvalhal (2006, p. 7) o método comparativo vai além do objetivo de concluir a natureza dos elementos confrontados, esse método serve para encontrar as diferenças ou semelhanças nos objetos estudados, é um recurso analítico e interpretativo, que possibilita a exploração adequada e crítica da pesquisa.

DO CONTO AO RECONTO: OBRAS CLÁSSICAS E CONTEMPORÂNEAS

Os livros *Cinderela* (2015) e *Uma, duas, três princesas* (2013) fazem parte do gênero de literatura infanto-juvenil, as duas obras têm como personagem principal a figura da princesa, porém elas são apresentadas em contextos que se divergem nas questões tempo e espaço. A primeira é clássica, contada por Charles Perrault, escritor francês da Europa Ocidental, no final do século XVII, reproduzida, atualmente por muitas editoras, tantas que não é possível citá-las. O texto utilizado nessa análise foi publicado pela Disney Enterprises – Clássicos Inesquecíveis da Editora Melhoramentos, no ano de 2015.

Sobre *Cinderela*, nosso ponto de partida para as reflexões, corrobora-se Fortes (1996), pois ela expressa que as obras de Perrault possuíam conteúdos moralizantes, serviam para ajudar na educação das crianças de acordo com os padrões morais e religiosos da sociedade europeia. Ao criar personagens, mulheres frágeis e vulneráveis, o escritor francês reproduziu a representação da mulher de acordo com os princípios ocidentais. A obra faz parte dos contos populares tradicionais, os quais compõem a imagem de um padrão comportamental estereotipado em relação aos aspectos de beleza, comportamento e condição social.

No que se refere à segunda obra aqui analisada, foi escrita por Ana Maria Machado, em 2013, apresentando outras

perspectivas para as personagens mulheres. É possível dizer que questiona os estereótipos dos clássicos, apresenta um tom de denúncia sobre a injustiça social ou diferenças infundadas entre homens e mulheres. Corroborando Aguiar e Martha:

Com a escolarização massiva e a migração das comunidades rurais rumo aos grandes centros urbanos, pode-se dizer que certa visão de mundo, assim como determinados costumes de sociabilidade, típicos das culturas orais e populares, tende a ser alterados ou mesmo desaparecer. Neste novo cenário, sempre em resumo e de olho nos contos populares saem de cena os contadores tradicionais e surgem dois novos atores: os contadores e histórias profissionais e os escritores interessados em criar versões de contos populares (AGUIAR; MARTHA, 2012, p.11).

Assim como a migração do campo para urbano, o acesso a diferentes conhecimentos, a mudança de costumes, também os escritores passaram a analisar as narrativas tradicionais de outro modo e deixaram de retratar em suas obras os modelos idealizados pelos clássicos, ocidentalizados, de família, de mulher, de homem e de crianças. Nessa lógica, *“Uma, duas, três princesas”* faz parte do novo cenário de produções e de autores, conforme mencionado

por Aguiar e Martha (2012). Ana Maria Machado apresenta três princesas, que não se assemelham às das obras clássicas, seja devido à quantidade seja devido a características físicas, comportamentais e de pensamento. A narrativa é ambientada em um contexto social contemporâneo, próximo da realidade das crianças, mais um diferencial interessante para pensarmos a recepção e os processos de identificação, leitor/personagem, com as representatividades que a história apresenta.

Observa-se que entre as duas obras estudadas houve uma mudança na realidade social, nos valores consolidados pela sociedade ocidental, nos quais os valores prestigiados eram da família formada por um pai, uma mãe e filhos. A “boa mulher” era ingênua, bela, submissa, seguia os padrões estabelecidos socialmente pela burguesia e pela religião, e era dependente de um protetor masculino, pai, irmão ou marido. No entanto, com os movimentos feministas, consolidados a partir do século XIX e fortalecidos no século XX, de acordo com Saffioti (2004, p. 95), “as feministas prestaram grande serviço aos então chamados estudos sobre mulher [...] sendo sua intenção bastante política, ou seja, a de denunciar a dominação masculina e analisar as relações homem-mulher delas resultantes”, com isso houve significativa alteração de pensamento, os quais chegam à sociedade e alteram os modos de pensar.

Na obra “*Uma, duas, três princesas*” Ana Maria Machado cria um reconto, ou seja, adapta a narrativa tradicional para o mundo

moderno retratando as necessidades e desejos do sujeito feminino, de forma simples e inteligível. Essa opção pela linguagem e público infanto-juvenil evidencia a preocupação da escritora em disponibilizar aos leitores um contraponto de perspectiva, ampliando a reflexão dos mesmos no que se refere às relações sócio-histórico-culturais, promovendo o diálogo, pela literatura, com as lutas e causas feministas. Isso se deve ao seu posicionamento político engajado, o qual entende o poder formativo da literatura, e considera equivocado manter apenas os modelos simbólicos e os padrões culturais das narrativas clássicas, as quais trazem padrões estereotipados/desatualizados em relação àquilo que se almeja para as mulheres nas sociedades atuais.

De acordo com Aguiar e Martha (2012, p. 48), no final do século XIX foram iniciados os estudos sobre a educação para crianças e jovens. Nessa época também se iniciaram as adaptações de contos e, mesmo que as novas histórias referenciavam as fontes, passaram a ser escritas de acordo com as necessidades de cada público leitor e de acordo com novos padrões comportamentais.

Rita Felix Fortes (1996 p. 32) afirma que nessa fase, no final do século XIX, no qual se firmou a consciência de que a criança é um indivíduo diferenciado do adulto, as literaturas infantis e juvenis deixaram de serem somente adaptações dos modelos europeus. Surgiram autores que se dedicaram à produção de obras para o público infantil e juvenil levando em conta questões psicológicas e a maturidade cognitiva, adaptadas ao cenário e

às particularidades brasileiras, embora muitas delas ainda com caráter moralista e patriota. Fortes (1996) explica que no início do século XX, Monteiro Lobato foi precursor do novo caminho criador que a Literatura Infantil brasileira estava necessitando.

Em 1931 surge um novo projeto de Monteiro Lobato, no qual tinha o objetivo de ressignificar os contos de fadas clássicos, as lendas, as fábulas conhecidas, acentuando os valores ideológicos que surgiam. Nesse sentido, muitos autores seguiram o pensamento de Lobato e foram “enriquecendo o imaginário infantil sem desprezar os conteúdos sedimentados pela tradição” (AGUAR; MARTHA, 2012 p. 49). As estudiosas citam como exemplo a escritora Paula Mastroberti que recria os clássicos dispensando os elementos mágicos por soluções realistas.

Paula Mastroberti recria o conto *Cinderela* em seu livro “*Cinderela, uma biografia autorizada*” (1997). A escritora traz os fatos para o contexto do século XXI, modernizando os contos populares infantis, mas sem trair o clássico, por exemplo, a morte do pai de Cinderela ocorre através de acidente de carro; a fada é um estilista talentoso que a transforma a personagem na mais bela garota do baile, dessa maneira que a autora molda a histórias aos dias atuais.

Segundo Turchi (2008), obras da contemporaneidade se caracterizam pela presença do humor, da aventura, de temáticas do cotidiano. Elas prezam pelo incentivo à construção de um leitor crítico, formulam reflexões acerca da sociedade. Autoras como

Ruth Rocha e Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Ziraldo, João Carlos Marinho, entre outros, valorizam e contemplam aspectos que dão liberdade e autonomia ao pensamento, proporcionando criatividade ao leitor, assim eles conseguem se desviar da ideia de que a boa criança é passiva e sempre “obediente”, que não rompe a normatização da sociedade, normalmente ditada pelos adultos, e mostra as aventuras de crianças ao explorar o mundo de forma curiosa, crítica e até mesmo atrevida.

Coelho (1993, p. 18-24) descreve as diferenças entre as obras tradicionais e as contemporâneas, a qual ela chama de “nova”, visto que integra uma nova mentalidade. Por conseguinte, averiguaremos, no Quadro I, o confronto de característica presente nas literaturas, conforme a teórica especificou:

<i>Tradicional</i>	<i>Nova</i>
<p>O individualismo: tudo é baseado no indivíduo ideal, forte e competidor, apresenta-se na forma de heróis, possuem virtudes e qualidades à serem seguidos.</p>	<p>Espírito comunitário. Substitui o herói individual, infalível pelo grupo, formado por meninos e meninas normais. Personagens questionadoras das verdades imposta pelos adultos.</p>

<p>Obediência absoluta às autoridades detentoras do Saber e do Poder: (Igreja, Governo, Patrão, Pai Esposo) na literatura revela-se por meio da exemplaridade e da rigidez de limites entre certo/errado, bom/mau.</p>	<p>Repúdio ao Autoritarismo: Descrédito da autoridade como poder inquestionável. Exigência de liberdade pessoal. Supressão de que o certo vence o errado, tende-se para um equilíbrio.</p>
<p>O Sistema Social sobrepõe o Ter ao Fazer e ao Ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Valoriza as minorias privilegiadas; - O ideal democrata valoriza o trabalho como fenômeno de realização do indivíduo que resulta em assalariados sem perspectiva de ascensão social; - A autoridade suprema é exercida pelo homem, incentiva o paternalismo. - Reforça os limites entre o que é próprio da mulher e do homem. 	<p>Sistema social sobrepõe o Fazer e o Ser ao Ter.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desaparecem as injustiças e aviltantes diferenças sociais. - Denuncia a miséria social, aparecem as reivindicações dos trabalhadores e traz a concepção de trabalho como meio de realização existencial e não apenas como meio de ganhar dinheiro. - Não estigmatiza o que é certo ou errado para o homem e para a mulher, o homem e a mulher são retratados em igualdade.

<p>Moral dogmática de caráter religioso: Rigidez entre o certo ou errado, os personagens são premiados ou castigados no além-vida de acordo com a conduta. Aparece na literatura como moral da história.</p>	<p>Moral da responsabilidade do Eu. Desaparece a moral da história. Procura agir conscientemente frente às circunstâncias, pensando no direito do Outro. Surge a moral espontânea, mas responsável.</p>
<p>Sociedade sexófoba. Transformou um ato natural em ato moral. A base religiosa estigmatizou o sexo como pecado. Na sociedade tradicional, patriarcal e machista o sexo foi restringido apenas às mulheres, tornando a castidade uma virtude máxima.</p>	<p>Sociedade sexófila: O sexo é recuperado como ato natural, desfrutado abertamente como libertação do ser. Porém a indústria cultural acabou vulgarizando-o como produto de marketing. Portanto, ao nível da criança, deve-se trabalhar a “educação sexual”.</p>
<p>Valorização do passado: Culto aos grandes mestres da literatura e das artes em geral.</p>	<p>Redescoberta do passado: Surge na literatura a Intertextualidade.</p>
<p>Concepção da vida como passagem – destino céu ou inferno – cultivar virtudes e fazer boas ações para ser digno de entrar no paraíso, após a morte.</p>	<p>Concepção da vida como mudança contínua: Se vive pensando no aperfeiçoamento interior profundo. Participar da evolução contínua da vida.</p>

<p>Racionalismo: Tudo é explicado pela Razão apoiada às vezes pela Fé, às vezes pela Ciência.</p>	<p>Valorização da Intuição. A intuição pondo em xeque a lógica convencional ou o senso comum abre campo para o novo conhecimento.</p>
<p>Racismo: Separação entre “brancos” e “negros”. Devido à escravização de uma raça pela outra instaurou no mundo ocidental a injustiça humana e social que existe até hoje. A literatura tradicional tentou denunciar a injustiça, mas se limitou aos aspectos sentimentais e humanos e esqueceu-se das fundas raízes político-econômicas.</p>	<p>Anti-racismo: Luta para combater o ódio racial tão enraizado na nossa sociedade. Valoriza-se diferentes culturas, raças. É abordado frontalmente o problema do racismo, como as grandes injustiças humanas e sociais.</p>
<p>A criança é um adulto em miniatura. Educação rigidamente disciplinadora e punitiva. A literatura procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas “adultas”.</p>	<p>A criança é um ser em formação. A criança se desenvolve em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização.</p>

Fonte: (COELHO, 1993, p. 18-24). (Ideias parafraseadas do Livro **Literatura Infantil – Teoria – Análise – Didática**)

Esse confronto de características da literatura clássica *versus* contemporânea mostra que a nossa civilização está mudando e a literatura contemporânea expressa essas transformações, dessa forma abre caminhos para a formação de uma nova mentalidade. A nova mentalidade, mencionada por Coelho (1993), é fruto das mudanças que vivemos no transcorrer histórico. Apesar disso, é preciso muito empenho e luta feminista, devido à resistência conservadora enraizada profundamente em nossa sociedade, conforme analisa Saffioti (2004, p.46):

a maioria das brasileiras pode ser enquadrada na categoria *conservadoras*, ainda separando mulheres femininas de mulheres feministas, como se estas qualidades fossem mutualmente exclusivas. Isto dificulta a disseminação das teses feministas, cujo o conteúdo pode ser resumido em *igualdade social para ambas as categorias de sexo* (grifo do autor).

A transformação social, no sentido de luta contra o machismo, o patriarcado e as desigualdades de poder, é um processo lento e gradual, que se dá através das causas e movimentos feministas, como assevera Saffioti (2004). Nesse sentido, entendemos que por meio da literatura contemporânea é possível socializar, desde a infância, a resistência em busca de uma sociedade democrática e igualitária.

Portanto, na próxima seção deste diálogo reflexivo confrontaremos efetivamente as características da obra tradicional e da contemporânea, *Cinderela* (2015) e *Uma duas Três princesas* (2013), buscando analisar a presença dos estereótipos relacionados às princesas. Os conceitos levantados por Nelly Novaes Coelho (1993), a mentalidade da nova literatura, subsidiarão a análise, juntamente com as reflexões de outros pesquisadores.

O estudo das obras volta-se aos estereótipos relacionados à figura feminina, vinculados às princesas ou personagens correspondentes. Seguiu-se a perspectiva dos estudos em literatura comparada, pois:

a literatura comparada não só admite mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimo e troca. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94).

Por meio da literatura comparada compreende-se que ela é indissociável da intertextualidade, que, como se sabe, é o diálogo que se dá entre duas ou mais obras, textos, imagens, estilos, entre outros aspectos. Através dela, como explica Perrone-Moisés

(1990), é possível produzir novos sentidos e promover uma nova visão sobre algo que se conhecia por meio de escritos tradicionais.

Além disso:

A noção de intertextualidade abre um campo novo e sugere modos de atuação diferentes ao comparativista. Do “velho” estudo de fontes para as análises intertextuais é só um passo. Mas essa é uma travessia que significa para o comparativista engavetar os antigos conceitos (e preconceitos) e adotar uma postura crítico-analítica que seus colegas tradicionais evitavam (CARVALHAL, 2006 p.54).

A partir do método comparativo, definido por Perrone-Moisés (1990) e Tânia Carvalhal (2006) nosso propósito foi o de compreender a maneira que a imagem sobre as mulheres foi difundida nas literaturas tradicionais e a forma com que as novas obras, em diálogo direto com os contos de fadas clássicos, através de retomadas, empréstimos e trocas, têm contribuído para a função crítica e contestadora das ideologias que oprime o sujeito feminino. Se a literatura atua na formação crítica/reflexiva do ser humano, por consequência atua no mundo, na formação do pensamento de uma sociedade.

AS MULHERES NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: PROPAGAÇÃO OU RUPTURA DE ESTEREÓTIPOS?

O estereótipo carrega discursos do senso comum e circula por muitos meios, tornando-se parte da cultura e da sociedade. São noções tantas vezes repetidas que se fixam nos valores e ideais dos indivíduos de determinado grupo “[...] pode ser considerado uma generalização perigosa, falsa e reveladora de falta de conhecimento, podendo apenas ser modificada através de uma educação que conscientize a pessoa da ausência de fundamento do seu juízo” (FREITAS, 2014, p. 115). Essa foi uma das maneiras que contribuiu para cristalizar na sociedade ocidental a imagem da mulher como objeto de domínio e submissão, através da repetição, generalizações saturadas de desconhecimentos e incompreensões. A figura feminina tem sido estereotipada ao longo do tempo e a literatura, no seu processo criativo de espelhamento e reconstrução das relações sociais, mostra ao leitor essas questões e promove reflexões a partir delas.

Saffioti (2004) expressa há imagens diferenciadas do feminino e do masculino, porém o patriarcado que persiste coloca as mulheres em condição de inferioridade com relação aos homens em todas as áreas da convivência humana, por essa razão é preciso analisar e propor novos caminhos em busca da democracia plena entre homens e mulheres.

A obra contemporânea, aqui analisada, “*Uma, duas, três princesas*”, de Ana Maria Machado (2013), é um exemplo do novo olhar sobre as mulheres, seu espaço, comportamento e pensamento. Nela, três princesas (meninas) percorrem uma jornada de perigos e desafios para enfrentar um mal que surge no reino, o qual fez o rei adoecer. Ao retratar as jovens como protagonistas salvadoras, corajosas, desbravadoras em busca de soluções para o rei, a obra contemporânea, conforme Coelho (1993, p 21), confronta a tradição que estigmatiza o certo e o errado para o homem e para a mulher, pois o papel de encarar e resolver desafios estava destinado, na maioria das vezes, em obras clássicas, a ser exercido pelo homem.

Na obra de Machado (2013), a princesa mais velha lembra-se de histórias que já leu, nas quais os responsáveis por salvar alguém, resolver os problemas, eram homens, príncipes. O emprego dessas lembranças, o uso de signos linguísticos no masculino, indica o propósito da escritora, pois ao referenciar mostra que muitas obras clássicas sobrelevam o homem, mas que a sua propõe mudanças. Conforme veremos na passagem destacada na sequência, quando a princesa mais velha foi designada para desvendar o mistério que fez o pai ficar doente e para livrá-lo do reino do feitiço, então são narrados seus pensamentos:

Como ela sempre tinha lido muito, conhecia um monte de histórias de três irmãos príncipes. Sabia que não ia ter

jeito. Por mais que fizesse tudo direito.
Em todas elas, o mais velho não conseguia
vencer [...]
[...] toda história contava como o primeiro
fracassava – e o segundo também. Só o
mais moço se dava bem.
[...] não podiam perder tempo, o pai
podia piorar.
Era melhor descobrir logo como podia
se tratar.
Que enviassem logo a outra irmã. A de
olhos de avelã (MACHADO, 2013, p.
19).

No trecho selecionado nota-se que a autora evidencia uma princesa leitora de muitas obras, inclusive as clássicas. Apesar de ter lido muito, as histórias de enfrentamento e desafios são de príncipes, homens, os signos são colocados no masculino, “o mais velho, o primeiro, o segundo, o moço, os irmãos príncipes”. Essa relação destaca o contraste entre as obras clássicas, nas quais ocorre a supervalorização do homem, normas e concepções que foram propagadas no ocidente pelo mundo patriarcal, com as contemporâneas que têm como objetivo conceder às mulheres espaços, liberdades, possibilidades, além de valorizar sua inteligência e sua força.

Os argumentos de Coelho (1993) ao confrontar as características das narrativas clássicas e das contemporâneas se mostram fundamentais, destacando o engajamento de escritores

e escritoras contemporâneos em sobrepor o ser e o fazer ao ter, enquanto as clássicas indicam o contrário. Por exemplo, Machado (2013) apresenta em sua obra mulheres atuantes e participantes das decisões, uma rainha que luta em prol das mulheres e princesas que desde cedo pleiteiam para adquirir conhecimentos. Um rei que escuta e solicita a opinião da rainha.

Fortes (1996) evidencia que no decorrer do século XX, no Brasil, com o crescimento da industrialização, a mulher começou a ter um papel determinante na economia, deslocou-se de seu espaço limitado historicamente, o confinamento doméstico, e começou a adquirir independência e ascensão social. Essas mudanças, sociais, culturais e ideológicas da sociedade foram ressaltadas por Ana Maria Machado ao recontar e atribuir novos sentidos às princesas. A mudança na mentalidade social em relação à menina/mulher pode ter contribuído com a emancipação do conceito do feminino nessa obra.

Na história descrita por Machado (2013) é possível observar que a autora descreve nitidamente, em uma linguagem acessível para as crianças, a transformação que ocorreu na mentalidade patriarcalista e sexista que havia no reino passando (nas sociedades anteriores) para uma concepção de direitos mais equânimes, conforme pode ser verificado no trecho da obra:

Foi isso mesmo o que o rei fez.
Mandou um projeto para o parlamento,
propondo que princesas também

pudessem herdar o trono e mandar em tudo um dia, como já acontecia em alguns países.

E como naquele reino quem mandava de verdade era mesmo o parlamento, os parlamentares acharam ótimo que o reino ficasse mais moderno ainda.

Mas com uma condição: para reinar, as princesas iam precisar ter a mesma educação que os príncipes antes tinham. Para ficarem tão sabidas e preparadas como eles.

Portanto, assim ficou sendo (MACHADO, 2013, p. 9).

A história possibilita que os leitores infanto-juvenis reflitam sobre os valores culturais que necessitam ser revistos, mesmo com o Art 5º da Constituição Federal a garantir que homens e mulheres são iguais em direito e obrigações, ainda as funções são divididas de forma desigual e são marcadas pelo poder que concede supremacia ao homem. Saffioti destaca que as mulheres “[...] são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem” (SAFFIOTI, 2004, p.35). Assim sendo, observamos que Machado, ao longo de sua obra, desestrutura essas relações de poder e divisões comuns na perspectiva eurocêntrica patriarcal sobre a mulher, apresentando as princesas (meninas) no exercício

do poder e fazendo uso da razão e de funções normalmente atribuídas/realizadas pelo sujeito masculino.

Como todo conto de fadas, conforme afirma Abramovich (1997), nesta narrativa há um problema a ser resolvido para reestabelecer a calma e a tranquilidade inicial. Na obra *Uma, Duas, Três Princesas*, Machado (2013, p. 12) dialoga com os leitores ao relembrar a estrutura clássica das narrativas, “[...] pois é, nas histórias tem sempre esse momento de um dia. [...] E o que andava certinho, tudo igual, de repente vai embora. Pois é, esse dia chegou agora. [...] o rei ficou bem doente”. A partir deste conflito as princesas são designadas para encontrar a solução, buscar a cura para o mal que fez o pai adoecer.

Em primeiro lugar a princesa mais velha sai em busca da resolução, através do conhecimento adquirido por meio dos estudos e da capacidade reflexiva. No entanto, demonstra humildade e reconhece suas limitações, por isso solicita ajuda das irmãs, saem em busca de respostas, usam a coragem e o que aprenderam com livros, filmes e com a internet para resolver o problema. Essa atitude da princesa mais velha alude à inovação de pensamento, harmoniza as relações entre irmãs, antes conflituosas e de disputas pelo poder, agora unidas em busca de uma causa relevante para a saúde do pai. Temos a sororidade entre mulheres e a demonstração de que há coisas mais importantes do que a glória solitária e egoísta. Elas causam confusões e desordem em todo o reino e por fim a princesa mais velha usa a razão para resolver o conflito:

– Essa história de encantamento é falta de conhecimento.

– Como assim? Pode dar uma pista?

– Contratem um especialista. Quem conheça o assunto. E tenha estudado em tudo quanto é canto, com livro escola, professor, laboratório, televisão e computador.

Foi o que fizeram e deu certo. Até que tinha uns bons por ali (MACHADO, 2013 p.37).

O discurso da personagem evidencia ao leitor o conhecimento e a sabedoria, autonomia de pensamento e equilíbrio emocional, e que a mesma é capacitada integralmente para exercer o poder. Percebemos que na obra de Ana Maria Machado houve ruptura de estereótipos se compararmos com a obra *Cinderela* na qual a princesa não demonstra autonomia de pensamento e comportamentos, ela aguarda ser salva pelo príncipe e tem ajuda da fada madrinha.

Para Guerra (2002, p. 239):

O enfoque da instalação do estereótipo observa que pessoas, inicialmente, imaginam e definem o mundo e em seguida o observam. [...] Assim, já haveria uma opinião formada, de acordo com os códigos da cultura, para se analisar o mundo antes mesmo de observá-

lo. O mundo estaria ordenado por códigos, passados de geração a geração, favorecendo a estereotipia, que por função defenderia as tradições culturais e posições sociais.

Baseando-se neste conceito, entendemos que os estereótipos presentes na obra *Cinderela* são crenças transmitidas de tradições patriarcais, códigos culturais que aludem a posições sociais e valores morais de determinadas sociedades. Segundo Fortes (1996), são conceitos que eram valorizados no século XVII e XVIII, ocasião em que a obra foi registrada por Perrault e do período em que foi recontada pelos irmãos Grimm. Pode-se observar que as mulheres da obra *Cinderela* se apresentam em um universo doméstico, reforçando que o lugar da mulher é a casa, com a família e cuidando de afazeres do lar.

Essa condição pode ser evidenciada na seguinte observação:

Com o passar do tempo, Cinderela tornou-se empregada em sua própria casa. Apesar disso, a cada manhã, Cinderela renovava suas esperanças de que algum dia seus sonhos de felicidade se tornariam realidade. Sem se importar com a forma como sua madrasta a tratava, Cinderela era sempre gentil e doce (DISNEY, 2015, p. 9).

No fragmento destacado há propagação da estereotipia de que uma mulher deve permanecer no “lar”, ser passiva, de pouca resistência, ter prazer em seus afazeres domésticos, idealizando o espaço da casa e o trabalho da mulher restrito a ela. Nota-se pelo discurso “sempre gentil e doce” a propagação da ideia de que ela está feliz apesar do que está vivendo com a madrasta e as suas filhas, ou seja, há uma normalização do sofrimento, do assédio moral e da rivalidade feminina.

A condição feminina da personagem da obra clássica está historicamente associada à sujeição masculina, seja por intermédio do pai e ou marido. Fortes (1996) ressalta que a Cinderela das versões que mantém o padrão clássico de comportamento feminino consegue reconhecimento apenas ao casar-se com o príncipe e sendo submissa a ele ou às figuras masculinas, como ocorre na versão da Disney aqui analisada.

Em *Cinderela* (2015 p. 54) os leitores são informados que “[...] o Príncipe iria se casar com aquela cujo sapatinho de cristal servisse. Anastácia e Drizela ficaram empolgadas em ter uma nova chance de se casar com o príncipe”. Nessa passagem e em todo o decorrer da obra é possível compreender a propagação da estereotipia de que a realização da mulher acontece pelo casamento e com a vida doméstica. Cinderela, por exemplo, assim como suas irmãs, também o desejava, pois precisava sair da penosa convivência com sua madrasta autoritária. Com o casamento ela continuaria na condição de inferioridade e submissão ao marido,

mas a narrativa não revela essa consciência da personagem ou essa preocupação de sua parte, o que indica que a internalização desses comportamentos estava cristalizada naquela sociedade. Tanto Fortes (1996), Lotermann (1996) quanto Coelho (1993) observam que esse comportamento em *Cinderela* ocorre devido aos valores da sociedade patriarcal, os quais predominam na sociedade ocidental.

A ruptura de estereótipos é clara na obra contemporânea, há uma emancipação do conceito feminino em *Uma, duas, três princesas*, as personagens são auto-suficientes e independentes com relação à figura de príncipes/homens protetores e seu cavalheirismo. Ana Maria Machado (2013) produziu um reconto, uma adaptação, um diálogo com obras tradicionais sobre princesas, mas subverte perspectivas e apresenta princesas diferentes. Por meio dessas alterações protesta contra o tratamento desigual destinado às mulheres, conforme é observado no discurso da Rainha que evidencia essa luta:

O reino todo queria um herdeiro para o trono, um príncipe.

E só nascia princesa. Num lugar e num reino em que mulher não podia governar. [...]

Quando nasceu a terceira, o rei disse para a rainha:

– O que é que a gente faz agora, minha majestade querida?

[...]

- Agora, meu querido, só temos um jeito.
- Qual?
- Vamos ser modernos e acabar com essa história de príncipe herdeiro (MACHADO, 2013, p. 6).

A situação alude à ruptura da cultura patriarcal, apresentada nos contos clássicos. O desejo da rainha por uma sociedade igualitária e moderna foi enviado ao parlamento e a proposta de que princesas também pudessem governar. Constrói-se a ideia que demonstra claramente a representação feminina na luta pela igualdade de gênero e justiça. As princesas, na imagem apresentada na obra, são retratadas fora do espaço familiar, do lar, encontram-se no parlamento, assistindo e reivindicando seus direitos para poderem assumir o trono, elas erguem bandeiras, as quais representam um símbolo de luta. Além disso, a rainha é ouvida, seu apelo foi considerado pelo rei.

A história apresenta as princesas com posturas independentes, em ambientes soberanos para o homem, como o parlamento, espaço das leis, e lugares públicos, modernos e variados, como na cidade, na escola e não apenas em casa. Ademais, ao retratá-las atuando politicamente na sociedade, a escritora traz novas perspectivas à mulher. Como é possível constatar no trecho:

Então fizeram a reunião. Os sábios e os ministros, tudo direito.
Sem príncipes, mas com as três princesas,
que jeito?

– Precisamos resolver, acabar logo com isso.

– Dar um jeito no mistério, livrar o rei do feitiço.

Não foi nenhuma surpresa.

Sobrou para a primeira princesa

A de olhos de azeitona, a que lia na poltrona (MACHADO, 2013, p. 17).

O trecho se refere ao momento em que o rei fica doente e surgem, no reino, notícias de sua doença, encanto ou feitiço. Desse modo alguém precisa percorrer o mundo, com urgência, em busca de algo que o salve e, na reunião de ministros, foi decidido que a princesa mais velha será responsável para cuidar do assunto. A posição ocupada por ela demonstra a representatividade, o poder, a força e a autonomia feminina, além da importância de uma sociedade mais equânime.

A escritora trabalhou a narrativa consciente de que os leitores têm certo encantamento e fascínio por histórias de príncipes e princesas e no processo inverteu padrões idealizados em relação às posturas e comportamentos da menina. Retomando o que já foi exposto, de que a literatura atua na construção intelectual, pessoal e cultural das crianças, “a forma imprecisa de misturar-se realidade e fantasia durante os primeiros anos de vida, contribui para que a literatura seja um meio poderoso de ampliar a experiência limitada das crianças” (COLOMER, 2003, p. 88), destacamos a importância dessa desconstrução de estereótipos

promovida por Ana Maria Machado. Não é apenas uma inversão de posturas/poderes, mas, por meio da literatura, comunica aos leitores que há outros espaços a serem ocupados pelas meninas e mulheres, ou seja, que elas não precisam permanecer limitadas ao espaço doméstico.

É possível constatar essa liberdade feminina, de explorar diversos ambientes, no excerto da obra contemporânea:

*Por isso, fez a mochila, entrou no carro e partiu.
Pegou a estrada e sumiu.
Assim que pôde, se hospedou numa estalagem.
Entrou na internet e mandou uma mensagem.*
(MACHADO, 2013, p. 19).

A forma como Machado descreveu a princesa no carro, evidenciou nitidamente a autonomia para ir onde quiser, agir segundo seus próprios pensamentos, assumir o controle das ações. As ilustrações contribuem para a formulação desses sentidos e ideais como, por exemplo, quando a princesa mais velha aparece cavalgando, alusão à liberdade, a coragem e ousadia, determinação, característica que, em obras tradicionais, são atribuídas aos homens. Na obra da Disney (2015, p. 19), no palácio há um grande quadro do príncipe montado a cavalo, o qual simboliza a condição máscula, de virilidade e coragem. O contraste ocorre quando Cinderela, para se deslocar ao palácio, utiliza uma carruagem, representado a fragilidade feminina, ela se encontra à margem dos acontecimentos, conduzida e não conduzindo eles.

Além da representatividade feminina, a ruptura de estereótipos está presente também no padrão de beleza, pois a fisionomia das meninas em *Uma, duas, três princesas* foge ao padrão tradicional no qual as meninas eram altas, loiras, magras, de olhos claros, cabelos lisos e etc. As princesas de Machado (2013) são descritas como lindas, morenas, com olhos de jabuticaba, de cabelo cacheado, “uma com olhos que pareciam azeitona preta, outra com olhos que lembravam avelãs” (MACHADO, 2013, p. 6). A descrição apresenta um debate importante para o rompimento com preconceitos raciais. No confronto entre clássicos e contemporâneos, Coelho (1993) observa que as obras pós-modernas defendem o anti-racismo, ponderam a importância de combater os ódios raciais enraizados em nosso mundo, assim como fez Ana Maria Machado ao trazer para sua literatura diferentes povos, colocando como protagonistas princesas negras.

Comparando com a *Cinderela* das versões clássicas, a obra da Disney (2015) acompanha o estereótipo da beleza idealizada nos séculos de Perrault - XVII. Como explica Coelho (1993), as obras clássicas fazem uma separação entre brancos e negros, devido à escravização dos povos africanos ocorrida no ocidente.

Possuir a beleza idealizada naquela sociedade era um aspecto muito importante, porque, como analisa Fortes (1996), no século XVII e XVIII a beleza era uma virtude para as meninas, podia significar ascensão social, por exemplo. O príncipe, em *Cinderela* (2015), escolhe sua esposa levando em conta a beleza física:

As irmãs curvaram-se diante do Príncipe, mas ele não estava olhando para elas; Cinderela, que estava logo atrás, havia chamado sua atenção.

O Príncipe apressou-se até Cinderela, ansioso para conhecer a moça mais bonita que ele já havia visto.

(DISNEY, 2015, p. 44).

Nesse trecho, há um contraste entre o feio e o bonito, por isso as irmãs de Cinderela são descritas e ilustradas como pessoas sem beleza, recurso para realçar a condição das pessoas que não possuíam o atributo da beleza, nos padrões valorizados, no contexto de Perrault, século XVII. No caso do conto contemporâneo, a beleza é destacada, mas a inteligência predomina e é o diferencial no perfil das personagens. Outra diferença importante foi retratada na união das três princesas irmãs, a harmonia, o respeito e a admiração entre elas. O reconto foi o recurso utilizado por Ana Maria Machado para construção de uma narrativa que traz rompimentos de estereótipos com relação ao padrão de beleza e à valorização da inteligência da mulher.

É comum, na literatura clássica, a representação das princesas sendo mulheres jovens, brancas, lindas, com belíssimas roupas, inocentes, como a princesa do livro *Cinderela* (2015). Tais aspectos, muitas vezes, passam despercebidos pela sociedade, porém, entende-se que esses estereótipos de perfeição idealizada devem ser reavaliados e problematizados, pois as princesas

clássicas estão inseridas em um contexto surreal, bem diferente da realidade vivida pelas mulheres, ou seja, do universo dos leitores.

No que se refere à liberdade de expressão, a possibilidade de manifestar os próprios desejos, é possível notar uma diferença considerável entre as histórias. Na obra contemporânea a figura feminina exerce o direito de expressar seus conhecimentos, vontades e anseios. Na história, os ministros lembram que a princesa mais velha é letrada e intelectual, então ela é convidada a dar um parecer, conforme o trecho:

Mas a princesa mais velha sabia.
Os ministros lembraram. Mandaram
buscar a princesa que lia.
Ela não tinha apenas olhos de azeitona.
Conhecia o que fica em pé, quando o
resto desmorona.
Assim que recebeu o convite, ela deu
logo seu palpite:
[...]. (MACHADO, 2013, p. 37).

A expressão “dar palpite” indica que ela emitiu sua opinião, denota a representatividade da mulher na sociedade, num ambiente que outrora era predominante masculino. Coelho (1993) e Lottermann (1996) revelam que em muitas obras contemporâneas a mulher apresenta a habilidade de redigir sua própria história, as personagens femininas são atuantes, tanto para direcionar sua própria vida, quanto para contribuir com a coletividade.

Quanto a *Cinderela* de Perrault, nota-se que ela é silenciada, Lotterman (1996, p. 160) observa que “[...] o papel da mulher, na maior parte dos contos tradicionais, sempre foi secundário, ‘visto que seus desejos, medos, ambições não eram expressos, e quando apareciam, vinham filtrados pela ótica masculina’”. Para entendermos o “apagamento” das necessidades e vontades da mulher na obra *Cinderela* (2015) devemos considerar o predomínio da vontade masculina. O Rei tem desejo de ver seu filho casado, logo, para atingir seu objetivo, ordena um baile, no qual todas as moças solteiras devem comparecer obrigatoriamente:

Mais tarde naquela manhã, Cinderela parou suas tarefas para atender a porta. Um mensageiro do palácio real entregou a ela um convite para o baile que aconteceria naquela noite.

[...]

– Por determinação real, toda moça solteira elegível deverá comparecer (DISNEY, 2015, p. 21).

Embora a obra traga Cinderela como protagonista, mostrando sua vida difícil ao lado da madrasta e irmãs, a obra não revela os desejos, as ambições, as necessidades de Cinderela. Contudo fala dos sonhos e desejos do Rei e do Príncipe e de como deveria realiza-los rapidamente. Sendo assim, a mulher é tratada como um objeto buscado pelo homem. Através do convite, a

protagonista visualiza uma possível fuga de sua penosa vida, porém são apenas esperanças, já que a decisão é do Príncipe e não dela.

Em *Uma, duas, três princesas*, a autora faz referências a muitos clássicos. Conforme expôs Coelho (1993) no confronto entre narrativas o “novo” dá ênfase a intertextualidade, enquanto o clássico cultua os grandes mestres da literatura. Por meio do diálogo intertextual Machado promove ressignificações, ou seja, outras possibilidades de vida, alterando o “feliz para sempre” ou finais moralizantes. Em sua produção não acontece a moral dogmática do estilo anterior, na qual os personagens são castigados ou premiados de acordo com sua conduta. Como o caso de *Cinderela* (2015), a princesa, por ser “boazinha”, é a escolhida do príncipe, enquanto as irmãs receberam o castigo por serem más.

Coelho (1993) revela em seu estudo que na literatura contemporânea desaparece a moral da história e em *Uma, duas, três princesas*, de Ana Maria Machado (2013), cada princesa é responsável por suas ações e a história se encerra com uma moral espontânea “[...] por isso viveu feliz às vezes. Como todo mundo, teve dias de risos e dias de choradeiras, mas ficou para sempre curiosa e inventadeira” (MACHADO, 2013, p. 39). Assim, ao trabalhar com imagens apresentadas em outras histórias, reatualiza as mesmas, mas de forma a ressignificar percepções. “Num sentido amplo, os recontos podem compreender traduções e adaptações de obras literárias” (AGUIAR; MARTA, 2012 p.13), as ilustrações, no caso da narrativa aqui analisada, contribuem

para que cada ressignificação ficasse bem humorada e ao mesmo tempo permitissem ao leitor repensar a moralidade propagada.

Uma das literaturas clássicas citadas e reinventadas em *Uma, duas, três princesas* é a de Chapeuzinho Vermelho, Perrault (1967), que tem a intenção de mostrar a trágica condição feminina, conforme afirma Fortes (1996). A obra de Perrault tem uma rígida moral, punindo a transgressão, principalmente para as mulheres que se desviam da “boa conduta” ou se deixam ser seduzidas.

Nesse sentido, Machado (2013) coloca uma das personagens, a princesa mais nova, em contato com a personagem lobo, de Chapeuzinho Vermelho. A princesa mais nova, ao chegar sua vez de tentar resolver o mistério que atingiu o reino, encontra o lobo e a Chapeuzinho Vermelho. Com essa situação altera-se a condição feminina de objeto e passividade apresentada em Chapeuzinho Vermelho:

Logo que saiu de casa encontrou um lobo na floresta e avisou para ele não se meter com uma avó numa cabana. Lá podia ter bolo de banana, mas não era festa:
– Cuidado que o caçador está lá perto. Melhor ir pelo caminho mais deserto (MACHADO, 2013, p. 28).

Apesar da princesa também ser uma menina, ela não é passiva, como Chapeuzinho Vermelho que “não reage, não protesta,

apenas se submete a cumprir o papel determinado pelo lobo”, conforme analisa Fortes (1996, p. 22). A princesa de Machado adverte o lobo das consequências de molestar uma mulher, ela atua, usando as características que eram do lobo, esperteza e sagacidade.

Além disso, Ana Maria Machado (2013) apresentou como a fantasia ajuda a criança a exteriorizar suas dificuldades para resolver os problemas do cotidiano, pois muitos dos leitores buscam encontrar soluções através de soluções metafóricas. Sendo assim, o imaginário que a literatura cria, como magos, bruxas, encantos etc, permite aos leitores vivências de aprendizado. Em *Uma, duas, três princesas*, (2013), na oportunidade que a princesa do meio tem para resolver o conflito, ela parte para a fantasia, tenta encontrar resposta no mundo fantástico, conforme se observa na citação da obra:

Saiu pelo bosque procurando alguma
velha catando lenha e ajudou a carregar
seu feixe de gravetos.

Procurou no pé da montanha até
descobrir algum anão com a barba presa
numa pedra para poder soltar.

Dividiu seu lanche com um velhinho
faminto.

Mas não adiantou. Nenhum deles era
encantado.

Foram boas ações, claro. Mas sem
nenhum resultado.

Nenhum encantamento quebrado.

(MACHADO, 2013, p. 23).

Nesse sentido é possível perceber que a personagem procurou a solução por meio da magia e do encantamento, como ocorre no conto tradicional *Cinderela*, em que a solução para o dilema ocorreu através da fada madrinha e de sua mágica. Outra característica apresentada na obra contemporânea foi a valorização da intuição, visto que as princesas vão em busca de diversos meios de soluções desde o senso comum, como a busca por um encantamento que pudesse salvar o rei até a lógica convencional.

A criança é mostrada como um ser em formação, cada uma das princesas estudou conforme sua faixa de idade apropriada, a mais velha estudou por meio de muitos livros, a do meio ouvia muitas histórias da irmã, enquanto a mais nova, “exigiram menos dela”, se desenvolve em liberdade. *Uma, duas, três princesas* (2013) substitui o herói por três personagens consideradas normais, sem grandes virtudes e qualidades, são personagens questionadoras das verdades impostas, valorizam o espírito comunitário.

A comparação entre as duas obras, *Uma, duas, três princesas* (2013) e *Cinderela* (2015) promoveu a percepção de que a nova literatura tem a intenção de estimular a consciência crítica do leitor, capacitar para a reflexão sobre o mundo, conscientizar da realidade e suas transformações. O reconto tem sua própria característica, ele é contestador do tradicional, torna adequado ao tempo e ao espaço tudo o que é retrogrado, os costumes, valores e ideologias.

É importante entender que a literatura contemporânea, além de promover entretenimento, tem a função de conscientizar sobre as injustiças tais como o racismo, machismo, homofobia, violência, xenofobia entre outras condutas e posturas que o ser humano adquire ao longo de seu desenvolvimento e não consegue perceber.

A literatura contemporânea volta-se para a educação humanitária, desmistifica preconceitos, rompe com representações que traduzem a ideia da mulher submissa ao machismo, ao autoritarismo e com comportamentos que reproduzem preconceitos como o do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação das literaturas analisadas, *Cinderela* (2015), obra clássica, e *Uma, Duas, Três princesas* (2013), obra contemporânea, possibilitou refletir sobre as ideologias patriarcalistas e conservadoras, sobre relações de poder e de domínio masculino, reproduzidas até os dias atuais. A versão analisada da obra *Cinderela* é da década atual e não apresenta alterações sobre os sistemas patriarcais e relações que objetificam as mulheres, mesmo assim é uma das mais conhecidas entre os leitores, principalmente entre as meninas. O reconto de Ana Maria Machado (2013) não é tão conhecido quanto à obra clássica, mesmo sendo uma obra que apresenta a mulher como sujeita.

Constatou-se que na literatura clássica *Cinderela* (2015) a personagem princesa reforça os estereótipos de princesas como mulheres submissas ao pai ou ao marido, passivas diante das circunstâncias, além de serem idealizadas a partir dos padrões de beleza eurocêntrica, mulheres brancas, altas e magras. Vista como objeto de adorno ou posse, Cinderela tinha seus espaços restritos a casa, ao matrimônio, ao espaço considerado sagrado, assim caracterizado pela sociedade burguesa e pelos preceitos da igreja. A história registrada por Perrault, mesmo nas versões reescritas nos tempos atuais, nas versões publicadas pela Disney, mantém os padrões desses comportamentos para a princesa. Tais aspectos, muitas vezes, passam despercebidos pelo leitor, haja vista que as princesas clássicas estão inseridas em contextos surreais e idealizados.

Observa-se, portanto, as contribuições que a literatura traz para repensarmos as relações de poder presentes nas sociedades, seja em obras infantis, juvenis ou adultas. Conforme Antonio Candido (1972) declarou, há literaturas que humanizam, rompem preconceitos, educam para uma sociedade igualitária, com impacto que supera a escola e a família, o que para nós parece ser o caminho para contribuir com a mudança na mentalidade social sobre a figura feminina.

Uma, duas, três princesas (2013) traz várias princesas, as jovens são lindas, determinadas, ousadas, apresentam outro perfil, outra postura, outro estilo de vestimenta, enfrentam dragões e

assumem ações que outrora eram atribuídas apenas aos homens e são descritas com um padrão de beleza que se identifica às meninas da vida real contemporânea. Há também a presença de uma boa relação com a rainha, ela é ouvida, ou seja, tem participação nas decisões com o rei. Isso é algo que não existia nas histórias clássicas.

Sendo assim, os estereótipos clássicos são desconstruídos, questionados, a narrativa traz a aceitação de novas posturas e comportamentos femininos e valoriza outros padrões de beleza e felicidade, amplia, também, a percepção acerca das possibilidades de ocupação de outros espaços, trabalho, felicidade, realização e vida para a mulher.

Diante disso, observa-se a relevância da escritora Ana Maria Machado e demais obras contemporâneas que trazem princesas como mulheres-sujeitas, ou seja, corajosas, inteligentes, independentes, representativas da diversidade étnica e cultural, com cabelos cacheados e beleza que representa o visual fenotípico da mulher brasileira.

A literatura, desse modo, recria questões da atualidade, problematiza a vida social e age no imaginário do leitor, por isso atua na percepção de mundo, pode contribuir para alterar pensamentos, comportamentos e atitudes, é um importante bem cultural para leitura crítica de mundo, um agente de formação e humanização. Sendo assim, observamos o quão importante é trabalhar o texto literário de modo comparativo e o quanto uma obra ficcional pode ampliar a criticidade dos leitores.

Ressalta-se também que a nova visão sobre a mulher, por escritoras como Ana Maria Machado, apresenta um posicionamento político revelando que a mulher já conquistou espaços na sociedade, embora ainda tenha muito a conquistar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira. MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org). *Conto e reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e cultura*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC. São Paulo, 1972.803-809 p.

CARVALHAL. Tânia Franco. *1943 – Literatura Comparada*. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1971808/mod_resource/content/1/Tania%20Franco%20Carvalho%20%28i%29.pdf, acesso em: 20 de ago. de 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil – Teoria – Análise – Didática*. 6.ed. Editora Ática S.A. São Paulo, 1993.

COLOMER. Teresa. *A formação do leitor literário: Narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução Laura Sandroni. Global Editora. São Paulo, 2003.

DISNEY ENTERPRISES, *Cinderela*. Clássicos inesquecíveis. Ed. Melhoramentos, 2015.

FORTES, Rita Felix. De objeto a sujeito, chapeuzinho muda de cor. In: ZANCHET, Maria Beatriz (org); FORTES, Rita Felix; LOTTERMAN,

Clarisse. *Tradição, estética e palavra na literatura infanto-juvenil*. Cascavel: gráfica da Unioeste, 1996.

FEITAS, Simone. *A mulher e seus estereótipos: comparando 50 anos de publicidade televisiva no Brasil e Portugal*. Portugal. 2014. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/16/pdf/EC16-2014Jun-06.pdf>, acesso em: 20 de ago. de 2018.

GUERRA, Paula B. C. Psicologia social dos estereótipos. In: *Revista Semestral da Área de Psicologia da Universidade São Francisco*. PISCO – USF, volume 2, número 2, Julho/Dezembro 2002. ISSN 1413-8271. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v7n2/v7n2a13.pdf>

LOTTERMANN, Clarice. Entre rocas e palavras, ponto a ponto a mulher retece a própria história. In: ZANCHET, Maria Beatriz (org); FORTES, Rita Felix; LOTTERMAN, Clarisse. *Tradição, estética e palavra na literatura infanto-juvenil*. Cascavel: gráfica da Unioeste, 1996.

MACHADO, Ana Maria. *Uma, duas, três princesas*. Ilustrações Luani Guarniere. São Paulo: Ática, 2013. 40 p.: il. (Abrindo caminho).

_____. *A importância da literatura*. In: Encontro Nacional Crer para Ver. 2008

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivaniinha - Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2004. ISBN 85-7643-00029

TURCHI, Maria Zaira. *Tendências atuais da literatura infantil brasileira*. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC – USP, 2008.

VIEIRA, José Guilherme Silva. *Metodologia de pesquisa científica na prática*. Editora Fael. Curitiba, 2010. Disponível em: http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/248784/mod_resource/content/1/LIVRO-Metodologia%20de%20Pesquisa%20Cient%3%ADfca%20na%20pr%3%A1tica.pdf, acesso em: 20 de ago. de 2018.